

---

TEXTO  
LUCIANA SANDRONI

---

PARTITURAS  
MARIA CLARA BARBOSA

---

MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE



UMA LONGA CONVERSA ENTRE NOEL E  
SÃO PEDRO NUM BOTEQUIM LÁ DO CÉU

---

ILUSTRAÇÕES  
GUSTAVO DUARTE

---



Copyright do texto © 2014 by Luciana Sandroni  
Copyright do texto "Como cantar e tocar Noel"  
e das partituras © 2014 by Maria Clara Barbosa  
Copyright das ilustrações © 2014 by Gustavo Duarte

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico  
da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor  
no Brasil em 2009.

capa e projeto gráfico  
**WARRAKLOUREIRO**

preparação  
**ANA MARIA ALVARES**

revisão das partituras  
**MARCELLO SADER**

revisão  
**MÁRCIA MOURA**  
**CARMEN T. S. COSTA**

tratamento de imagem  
**AMÉRICO FREIRIA**  
**M GALLEGU • STUDIO DE ARTES GRÁFICAS**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Sandroni, Luciana  
Memórias póstumas de Noel Rosa : Uma longa  
conversa entre Noel e São Pedro num botequim lá do  
céu / texto Luciana Sandroni ; partituras Maria Clara  
Barbosa ; ilustrações Gustavo Duarte. – 1ª ed. – São  
Paulo : Companhia das Letrinhas, 2014.

ISBN 978-85-7406-580-9

1. Literatura infantojuvenil. I. Barbosa, Maria Clara.  
II. Duarte, Gustavo. III. Título

13-02571 CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:  
1. Literatura infantojuvenil 028.5  
2. Literatura juvenil 028.5

2014  
Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORAS SCHWARZ S.A.  
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32  
04532-002 – São Paulo – SP – Brasil  
Telefone: (11) 3707-3500  
Fax: (11) 3707-3501  
[www.companhiadasletrinhas.com.br](http://www.companhiadasletrinhas.com.br)  
[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

Para escrever este livro procurei os biógrafos de Noel Rosa: Jacy Pacheco, primo do compositor e o primeiro a escrever sobre ele; Almirante, cantor, radialista e amigo que ajudou a reviver Noel nos anos 1950; e, principalmente, Carlos Didier e João Máximo, que realizaram a obra mais importante e documentada sobre o poeta da Vila: *Noel Rosa: uma biografia*. Todos os fatos sobre a vida e depoimentos de Noel publicados em artigos de jornais, aqui citados, foram retirados deste último livro.

Luciana Sandroni

#### NOTA BREVE

#### I. CONVERSA DE BOTEQUIM 9

#### II. NOEL ESCREVE AS SUAS MEMÓRIAS 17

- 1. Meu primeiro dia no mundo 18
- 2. Família: vovô, vovó, titia... 21
- 3. A música 23

#### III. SÃO PEDRO, O SANTO EDITOR 25

- 4. Subindo a ladeira 27
- 5. O violão do meu pai e eu 31
- 6. O bangalô 33
- 7. Vó Bella 34
- 8. Clara e seus irmãos 35
- 9. Vó Rita 36
- 10. O Bando de Tangarás 37
- 11. Salve o compositor popular! 39
- 12. O carnaval da Vila 41
- 13. Com que roupa? 42
- 14. Adeus ao São Bento 43

#### IV. UM BRINDE A LAMARTINE E ORESTES 45

- 15. Fina entra na história 46
- 16. Orestes e Lamartine 48
- 17. Médico ou sambista? Eis a questão 50
- 18. O teatro de revista 51
- 19. O fim do Bando de Tangarás 52

## sumário

#### V. OS CANTORES DO RÁDIO 55

- 20. Francisco Alves e Mário Reis 56
- 21. Com que smoking eu vou? 58
- 22. Cartola e Deolinda 60

#### VI. SÃO PEDRO APRESSA NOEL 63

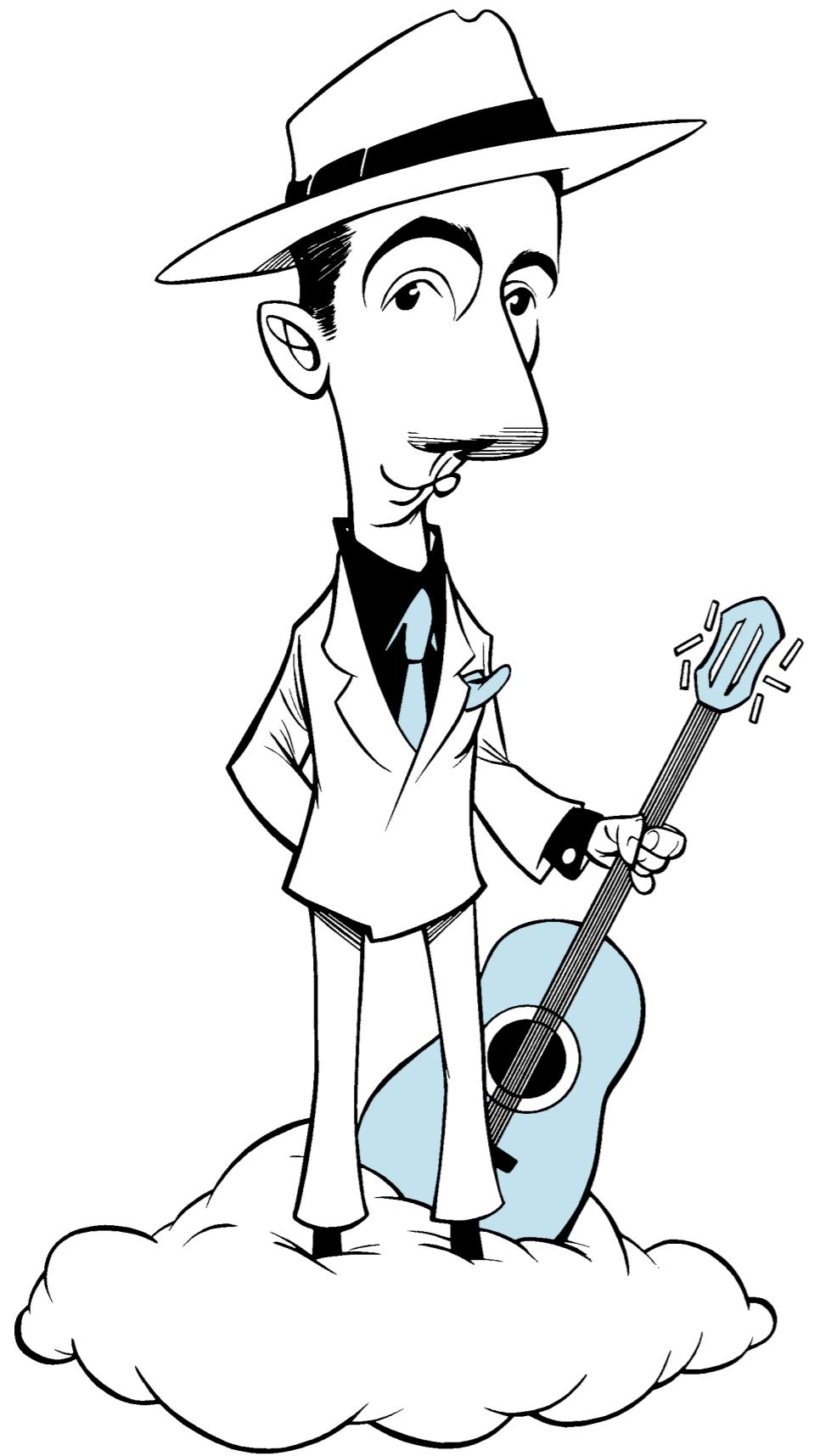
- 23. Lindaúra entra na história 64
- 24. Ceci 67
- 25. Enquanto isso, no chalé... 68
- 26. Encontro com Vadico 68
- 27. Doente e... casado! 69
- 28. Engordando em Minas 72
- 29. Triste retorno 76

#### VII. CAPÍTULOS FINAIS 79

- 30. Uma polêmica musical 80
- 31. O x do problema 81
- 32. O cinema falado 82
- 33. Pra que mentir? 82
- 34. No chalé 83
- 35. Próxima parada: Friburgo 84
- 36. Morri no quarto em que nasci 86
- 37. Não quero choro, nem vela 88

#### VIII. VAMOS À MÚSICA! 91

- Como cantar e tocar Noel 94
- Partituras 102
- Sobre as autoras 148
- Sobre o ilustrador 149
- Bibliografia 150



# MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE NOEL ROSA

LUCIANA SANDRONI



## CONVERSA DE BOTEQUIM

Como todo mundo, Noel Rosa nasceu, só que também já morreu, e aqui na minha história ele foi parar no céu. Ao chegar lá, o rapaz, pensando que tinha havido algum engano, pôs o chapéu e foi saindo de fininho. Foi aí que São Pedro, o porteiro do céu, o chamou de braços abertos:

— Seja bem-vindo, Noel! Trouxe o violão para animar a festa?

Noel, vendo o santo, notou que estava mesmo no lugar certo. Era o começo de uma grande amizade!

Isso aconteceu em 4 de maio de 1937. Muito tempo se passou, e hoje ele está mais do que adaptado. É quase um santo? Não chega a tanto...

O rapaz, logo no início, fez suas exigências; pediu a São Pedro uma mesa de botequim e um violão: “Se não, não fico aqui nem morto!”, brincou ele. Desde então, o músico fica ali sentado no “botequim”, toca seu violão e bebe uma água de coco bem gelada. Em contrapartida, o santo — que é santo, mas não é bobo — pediu a Noel que cantasse e tocassem nas festas do céu.

Dizem que São Pedro, além de organizar as festas lá em cima, também comanda as chuvas aqui na Terra. A chuva boa que limpa o ar das cidades, mantém as florestas vivas e irriga a terra. É pena que, às vezes, o santo providencie a chuva bem no fim de semana...

## FESTA NO CÉU

NOEL ROSA

O fato é que os dois se tornaram amigos, e passam as tardes cantando no “botequim” do céu. Num dia desses, depois de uma hora de prosa, de samba e de água de coco, São Pedro disse:

— Ah, Noel, é uma pena que os jovens de hoje não te conheçam mais...

O rapaz respondeu cantando:

— “Quem é você que não sabe o que diz?/ Meu Deus do céu, que palpite infeliz!”<sup>1</sup>

— É a mais pura verdade. Suas músicas não tocam nas rádios como nos anos 1930, meu filho. Aliás, as rádios, hoje em dia, estão muito mudadas. Antes os programas de auditório viviam lotados, os cantores eram tratados como astros de cinema de Hollywood, as orquestras brilhavam, mas infelizmente tudo isso é passado. É finito!

— Mas que praga de urubu! Quer dizer que os jovens não me conhecem? Nem minhas músicas “Com que roupa?”, “Conversa de botequim”?

— Essas clássicas alguns conhecem, pois aprenderam no colégio.

— No colégio?! — Noel voltou a cantar: — “Batuque é um privilégio/ Ninguém aprende samba no colégio”!<sup>2</sup>

— Os tempos são outros, meu filho. Você virou um mito. Pasme, você é até nome de túnel, lá em **Vila Isabel**.<sup>3</sup>

— Mas que maçada!

— Pense no lado bom, Noel, na hora em que as pessoas passam por lá, falam de você.

— O senhor quer dizer que falam muito mal de mim, não é? Esse túnel deve ser uma boa...

— Noel! Nós estamos no céu! — repreendeu São Pedro.

— ... porcaria!

São Pedro pôs as mãos nos ombros do rapaz tentando animá-lo:

— Realmente, ele não é o melhor túnel do mundo... Mas, olha, há uma rua com seu nome e uma estátua sua na Vila, logo no início do Boulevard Vinte e Oito de Setembro. Não é uma bela homenagem?

— Estátua?! Mas eu lá tenho cara de querer estátua?

Noel ficou meditabundo, abraçado no seu violão, e de repente teve um estalo:

— São Pedro, tive uma ideia! Vou escrever as minhas memórias! Memórias póstumas! E, além disso, as partituras das minhas músicas com novos arranjos! Assim todos os jovens vão me conhecer, e os mais velhos se recordarão dos meus sambas.

O leão ia casá  
Com sua noiva leoa  
São Pedro, pra agradá,  
Preparou uma festa boa.  
Mandou logo um telegrama  
Convidando os bicho macho  
Que levasse todas dama  
Que existisse cá embaixo

Pois tinha uma bela mesa  
E um piano no salão.  
Fido baile, por surpresa,  
No banquete do leão.  
Os bicho todo avisado  
Tavam esperando o dia,  
Tudo tava preparado  
Para entrá firme na orgia.

E no tar do dia marcado  
Os bichos tomaram banho;  
Foram pro céu alinhado:  
O mosquito entrou na sala  
Com um charuto na boca,  
Percevejo de bengala,  
E a barata entrou de touca.

Zunindo igual uma seta  
Veio o pinguim do Polo;  
E o peixe de bicicleta  
Com o tamanduá no colo;  
O siri chegou atrasado  
No bico do passarinho  
Pois muito tinha custado  
Pra botá seu colarinho.  
[...]

São Pedro coçou a barba e disse:

— Não sei, não, Noel... Não me leve a mal, mas a sua vida não é um bom exemplo para os jovens.

— Não é?! Mas se eu fiz tanta gente feliz...

— Isso lá é verdade. Os seus sambas são originais e alegraram muita gente, mas a sua vida não é exemplo para ninguém, meu filho. Foi um custo para você entrar no céu. Tivemos várias reuniões. Inúmeras!

— Mas então por que eu vim parar aqui?

— Ora, porque você foi genial! As suas letras e músicas são um marco na história da música popular. Logo no seu primeiro samba, “Com que roupa?”, você inovou nas rimas e na melodia — disse o santo, empolgado.

— Mas eu vim para o céu porque inovei o samba!?

São Pedro fez o músico se sentar, como se o preparasse para um longo discurso:

— Noel, meu filho, você está aqui porque foi um rapaz bom e generoso. Você, além de pagar a comida do mendigo, o convidava para comer ao seu lado. Tratava todos de igual para igual, sem se importar se a pessoa era rica ou pobre. Você “arrumava” os versos de outros compositores e nem pedia seu nome nas parcerias. Além disso, você foi um dos primeiros rapazes de classe média a valorizar o samba, tão marginalizado na época.

O rapaz se animou com aquelas belas palavras. Levantou-se da cadeira e deu um abraço no amigo:

— Então, Pedro, a minha vida tem que ser cantada, quer dizer, contada!

O santo, porém, com uma expressão séria, fez o compositor se sentar novamente:

— Calma que eu ainda não acabei. Por outro lado, a sua vida pessoal não foi nada correta. Você aprontou muito. A sua vida é imprópria para menores, e para maiores!

— Ah, não exagera — comentou o rapaz brincando com o chapéu.

— Não exagera?! Você era impossível, Noel! Na adolescência não quis nada com os estudos e tratou as namoradas da pior maneira possível. Você começou a fumar e beber muito cedo. Ia para os botequins e voltava só de madrugada. Você era totalmente inconsequente. E não foi só na vida adulta, não; desde criança você deu muito trabalho para sua mãe, dona Martha.

— Eu?! — exclamou Noel fazendo cara de inocente.

— Sim, senhor. Está tudo anotado — disse São Pedro pegando os óculos e abrindo um velho arquivo com fichas sobre a vida do músico. — Olha

<sup>1</sup> “Palpite infeliz”, Noel Rosa.

<sup>2</sup> “Feitiço de oração”, Noel Rosa e Vadico.

<sup>3</sup> Você pode aprender mais sobre as palavras grafadas em negrito no site da editora.

aqui, enquanto Hélio, seu irmão mais novo, lia, quietinho em casa, você era um peralta! Um menino traquinas!

— Ah, São Pedro, eu fui a criança mais feliz do mundo! — exclamou Noel se levantando da mesa. — Corria, brincava, soltava pipa! Bastava o sol raiar que eu ia para a rua. A Teodoro da Silva era minha e dos outros moleques. A gente subia a pedreira dos Simões, enchia o peito e gritava “Olê-lê-oooo!”. O som ecoava pela Vila inteira. A Vila Isabel era nossa! Eu jogava futebol de botão, subia em árvore, soltava balão...

— Isso não é mais permitido — interrompeu São Pedro. — Soltar balão é proibido; pode causar um incêndio, queimar pessoas ou florestas.

— Ninguém mais solta balão? Nem na noite de São João?

— É proibido. Dá cadeia. Artigo 42 da Lei de Crimes Ambientais.

— Puxa, as coisas mudaram mesmo lá embaixo. Nem o glamour do rádio, nem balão... — comentou, desapontado.

— Mas, voltando ao assunto da sua peraltice — continuou São Pedro —, você não lembra outra brincadeira sua muito perigosa, que deixava sua mãe de cabelo em pé?

— Qual? Pião?

— Que pião o quê, seu Noel de Medeiros Rosa! Estou me referindo ao bonde. Em vez de sentar, você ia em pé no estribo, lembra? Aquilo era um perigo!

— Claro. Como é que eu poderia esquecer do velho e bom bonde?

— O senhor ficava em pé no estribo, ou pendurado nos balaústres fazendo rodopios, correndo perigo de cair e quebrar a cabeça, o braço. Sua mãe quase morria de preocupação.

— É verdade! Como eu me divertia no bonde — disse Noel sem dar a mínima para a desaprovação do santo. — Aquilo é que era vida!

Noel se animou tanto com a lembrança que subiu na mesa.

— Noel, o que você está fazendo aí em cima?

— Andando de bonde! Eu me sentia um verdadeiro acrobata! Podia ir a pé para o colégio, ali no Boulevard, mas no estribo era muito mais divertido.

— Desça já daí, Noel! Você pode cair do bonde, quer dizer, da mesa!

— Não tem perigo, São Pedro! Eu sou um craque em pegar e saltar dessa “carroça”!

O rapaz, ao perceber o nervosismo do santo, saltou da mesa-bonde:

— Calma, São Pedro, já passou.

São Pedro bebeu um pouco de água de coco e voltou a reclamar das travessuras do menino:

— Dona Martha já não sabia o que fazer. Ela chegou até a pedir para o **Jocelyn**, seu amigo de infância, tomar conta de você.

— Jocelyn! Que saudade dele! Das meninas, Dulce, Sylvia...

— Nem me fale nelas, Noel. O que você fez com a Dulce não se faz!

— Mas o que foi que eu fiz?!

— Você a viu tomando banho! Ou melhor, tentou ver.

— Ah, São Pedro, que atire a primeira pedra o menino que nunca viu a irmã tomando banho!

— Mas ela não era sua irmã, Noel!

— Ah, mas era como se fosse.

— Mas o fato é que você não viu nada, graças a Deus!

— Não vi? Mas uma vez eu me lembro de subir na pia da cozinha para espiar o banheiro lá de cima...

São Pedro riu:

— Só que não deu para ver nada. Depois você subiu na torneira e, como ela não aguentou o seu peso, você levou um belo tombo no chão. Foi água para todo lado! Por isso que eu digo que a sua vida não é um exemplo! Se a infância foi assim, imagine a adolescência, a vida adulta...

— Ah, não tem nada de mais. Todo garoto faz travessuras. Mas depois eu melhorei, não é? Me tornei um jovem...

— Irresponsável, libertino e obsceno!

— Eu ia dizer brincalhão.

— Brincalhão? Brincalhão sou eu. Nada de memórias, seu Noel! — disse São Pedro, resoluto.

O rapaz, contrariado, virou para um lado, e o santo, por sua vez, se voltou para o outro. Dali a pouco, Noel olhou o amigo de esguilha e, tendo uma ideia, pegou o violão e cantou:

O mundo me condena  
e ninguém tem pena,  
falando sempre mal do meu nome  
Deixando de saber se eu vou morrer de sede  
Ou se eu vou morrer de fome.

São Pedro, encantado com a canção, esqueceu a zanga e entoou também:

Mas a filosofia hoje me auxilia  
a viver indiferente assim  
Nessa prontidão sem fim  
Vou fingindo que sou rico  
pra ninguém zombar de mim<sup>4</sup>

— “Filosofia” é uma das suas canções que mais aprecio!

Os dois voltaram às boas. Noel aproveitou a deixa e, todo maroto, se chegou mais perto do santo. Pôs a mão no ombro do amigo e tentou um acordo:

— Quer dizer que escrever as minhas memórias nem pensar?

— Exato.

— Mas, Pedro, você tem que se lembrar da música, dos sambas, dos cantores do rádio, hein? **Francisco Alves, Mário Reis, Carmen Miranda, Aracy de Almeida**, quem se lembra deles? Se eu não falar desse tempo, quem vai lembrar?!

— É, isso é verdade... — disse o santo, com os olhos brilhando ao se lembrar dos cantores da **era de ouro do rádio**.

— Olha, eu posso até cortar das memórias o balão, e também o bonde e, principalmente, o banho, que tal? Tudo com “b” de... banidos do livro!

São Pedro matutou um segundo e disse:

— Mas você irá mentir?

— Não, claro que não. Só vou omitir. Vou falar do meu nascimento, posso? Ou o meu nascimento tem alguma coisa de errado, além de ter me tirado o queixo?

— Não. Lógico que não. Seu nascimento é importante ser lembrado — disse o santo, mais animado com a ideia. — E, depois, você bebê era uma graça! Uma fofura... Quer dizer, não que você tenha ficado feio.

Noel retorquiu cantando:

— “Pra que mentir se tu ainda não tens/ Esse dom de saber iludir?”<sup>5</sup>

— Essa história de feio e bonito é muito relativa, Noel...

— Ah, São Pedro, sei que não sou bonito.

— A beleza é algo muito maior que a aparência física, meu filho.

Mas o rapaz não queria entrar naquela discussão. No momento só pensava nas suas memórias:

— Também posso falar da minha querida e amada Vila Isabel?

— Claro. A Vila Isabel merece um capítulo. Escreva também sobre o seu avô Eduardo, o grande **Eduardo Corrêa de Azevedo**! Sobre a sua família, suas avós Rita e Bella, seus pais, seus tios, sua madrinha, e o mais importante: como a música entrou na sua vida. A música! Esse é o grande tema do livro.

— Bom, então me veja caneta e tinteiro! — disse Noel se instalando na mesa como se fosse seu escritório.

São Pedro se levantou e tirou do velho arquivo um punhado de papel e uma antiga máquina de escrever:

— Tome papel e uma Olivetti.

— Uma máquina de escrever! Que modernidade!

— Mais alguma coisa, “seu” Noel?

— Sim. Vamos brindar às memórias! — disse pegando os copos. — Tim-tim!

— Tim-tim e seja o que Deus quiser! — disse o santo, com os olhos voltados para cima pedindo proteção ou paciência, não sei bem.

<sup>4</sup> “Filosofia”, Noel Rosa.

<sup>5</sup> “Pra que mentir?”, Noel Rosa e Vadico.